

## APORTES CLÁSSICOS SEM FRONTEIRAS

Amós Coêlho da Silva (UERJ)

### RESUMO

Denominamos, neste artigo, como aportes gregos e latinos, além de textos completos, as frases, os fragmentos, provérbios que chegaram ao Ocidente e formam um conjunto importante dado o seu largo uso até mesmo cotidianamente. O que prova a necessidade dos estudos clássicos. Há fragmentos latinos esparsos por todos os viés da vida moderna e são ativos, pois, usuários de diferentes idiomas se apropriam deles para transformá-los em título de obras literárias, como o fez o polaco Henryk Sienkiewicz (1846-1916), ganhador do prêmio nobel, com "Quo Vadis: 'Powieść z czasów Nerona'", de 1895. É uma dinâmica de apropriação da expressão "Quo vadis? Para onde vais?" (Bíblia, em João 16:5 e em obra apócrifa, intitulada "Atos dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo"). Exame de dois poemas sobre *a fugacidade do tempo e a brevidade da vida*, tema que passou além do Renascimento que agita o homem de qualquer época. Devido a essa agitação, o homem tem buscado na arte literária a imortalidade de sua obra, como fórmula de consolo diante da inexorável voracidade do tempo. Assim, Horácio e tantos outros poetas pretendem superar a brevidade de suas existências através da obra de arte. Examinemos dois poemas em latim sobre tal ansiedade humana.

**Palavras-chave:** aportes gregos e latinos; sentenças; fragmentos; Horácio; Ausônio.

### THE CLASSICAL ADDITIONS WITHOUT FRONTIERS

#### ABSTRACT

This article will treat of the Greek and Latin additions for the Occident. By Greek and Latin additions, in addition to complete texts, comprise sentences, fragments and proverbs that form an important part of the Occident, because of the intense use of them. Besides that this come from the need of the classical studies. There are Latin dissipated fragments by all the ways of the modern life and they are active, and then, users among different languages appropriate of them to transform them in title of literary works, as the Polish Henryk Sienkiewicz (1846-1916), winner of the Nobel Prize, did it with "Quo Vadis: 'Powieść z czasów Nerona'", in 1895. It is a dynamic of appropriation of the expression "Quo vadis? For where go?" (Bible, in John 16:5 and in apocryphal work, entitled Acts of the Holy Apostles Peter and Paul"). Examination of two poems on the escape time and the briefness of the life, subject that happened in addition to the Renaissance and afterwards, and that agitates the man of any period. Because of this agitation, the man has looked for in the literary art the immortality of his work, like formula of consolation in front of the inexorable ravenousness of the time. Like this, Horace and so many other poets pretend to surpass the briefness of his existences through the work of art. We examine two poems in Latin on such human anxiety.

**Keywords:** Greek and Latin additions; sentences; fragments; Horace; Ausomius.

#### 1 - Introdução

Neste ensaio, buscaremos a importância do conhecimento dos aportes<sup>1</sup> clássicos antigos, como prova da necessidade do estudo de rudimentos gregos e latinos. Eles estão bastante presentes na base do nosso dia a dia. Qualquer atividade social que se realize inclui a presença mediata ou imediata de uma expressão latina e grega. Na religião, há datas, como *Corpus Christi*, título de orações, *Ave Maria*, com expressão latina, sem mencionar aqui as inúmeras sentenças religiosas como *Te Deum*, *Unam Sanctam*, *Noli me tangere*, etc. - com algumas dicionarizadas. No âmbito comercial, transcrição latina do grego para o produto "Phebo" e até outra marca de sabonete, como "Lux"; no Direito, temos até documentos jurídicos com nomes

---

<sup>1</sup> Denominamos "aportes" o conjunto de frases e fragmentos de textos gregos e latinos que sobrevivem no Ocidente. Podem ser provérbios, expressões ou fragmentos jurídicos, médicos, desportivos, etc. - enfim científicos ou literários, anônimos ou com autorias definidas, criadas na vigência da era dos antigos romanos e gregos ou inventadas e adotadas posteriormente...

latinos... Há fragmentos latinos esparsos por todos os viés da vida moderna e são ativos, pois, usuários de diferentes idiomas se apropriam deles para transformá-los em título de obras literárias, como o fez o polaco Henryk Sienkiewicz (1846-1916), ganhador do prêmio nobel, com "Quo Vadis: Powieść z czasów Nerona", de 1895. É uma apropriação da expressão "Quo vadis? Para onde vais?" (Bíblia, em João 16:5 e em obra apócrifa, intitulada "Atos dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo"); "Finis coronat opus", título de um poema de Paulo Mendes de Campos (RONAI, 1980); o termo latino "opus" designa também "obra de arte" ou a indexação de uma autoria musical de sinfonias para Beethoven, Mozart, etc. e seu plural "opera", um gênero musical; "Lacrima Christi" é um vinho italiano (Idem). Nem incluímos as divisas, como "Libertas quae sera tamen", cheia de historicidades não só em âmbito da História, como os Inconfidentes Mineiros, como também uma que se lê em Paulo Rónai:

"Vale acrescentar outra interpretação, jocosamente arbitrária, mas de forte sugestão poética - a que consta de 'Pátria Minha', de Vinícius de Moraes:

Mais que a mais garrida, a minha pátria tem  
Um quentura, um querer bem, um bem,  
Um *libertas quae sera tamen*  
Que um dia traduzi num exame escrito:  
'Liberta que serás também'  
E repito!' (*Antologia Poética*, 1949)

De modo que a evolução histórica dessas expressões clássicas não ficaram estagnadas, fossilizadas em sua significação signica nos dicionários clássicos; ou seja, no seio social de suas origens. Viajaram através dos tempos e tornaram-se "signos linguísticos"; se desenvolveram e se ampliaram num processo metonímico, tornando-se um conjunto simbólico da linguagem. Ora, hão de se tornar mais polifônico à medida que o calendário se expanda nesse processo metonímico *in fieri, em ato de tornar-se...* Foi assim, que "blue", azul, numa metáfora, em inglês, é "triste, melancólico", e, no estágio em que os negros escravos entoavam suas músicas às margens do Mississipi e, como estivessem sob pressão de trabalhos forçados, o tom musical era triste, seus cantares se tornaram "blues song, canções tristes"... no entanto, em português, "azul" significa "no auge, no entusiasmo", como em Raimundo Correia: *No azul da adolescência as asas soltam...* O curioso é que, em português, tanto o Caldas Aulete, disponível na internet, como Houaiss eletrônico 2001, dão no máximo uma locução portuguesa como próxima ao sentido de Raimundo Correia: "Tudo azul." Ou seja, "tudo em ordem". Queremos sublinhar com esta observação o fato de que o poeta consegue multiplicar a polissemia de um termo linguístico. É por isso que João Adolfo Hansen afirma: "Os grandes textos científicos, filosóficos, históricos e literários estranham a familiaridade do leitor com as coisas e lhe fazem uma pergunta radical: Você trouxe a chave?" (p.45)

Foi isso mesmo que Drummond, no poema *Procura da Poesia*, indagou ao leitor depois de aconselhar o seguinte:

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:

Aí ele pergunta: "Trouxeste a chave?" Ao que responderemos com uma observação de Hansen (O que é o livro?: 45): "A verdade que o leitor produz em qualquer leitura é um resultado empírico do sentido que dá à resposta para essa questão." E o que é o "empirismo" do Homem? Do grego, prefixo ἔμ/ν-, dentro de, πείρα, experiência, sufixo -ικός, relativo a - relativo a uma experiência armazenada. O elemento "-ismo" indica doutrina aqui. John Locke (1632 - 1704) e David Hume (1711 - 1776), contestando o racionalismo cartesiano, defenderam com um aporte latino que no Homem *nada chega ao intelecto que não tenha estado antes nos sentidos, Nihil est in intellectu quod non fuerit prius in sensu*. Como se vê, estamos lidando com indagações filosóficas do século XVIII a partir de um aforismo latino. Sem querer tomar ao pé da letra, mas apresentando aqui um debate antigo que remonta à Grécia de Ésquilo, Platão e

Aristóteles, mais outros momentos históricos no Ocidente (por exemplo, São Tomás de Aquino, século XIII) e podemos afirmar que, diante de um texto, precisamos da chave, que são nossas experiências arquivadas em nossa memória.

Não conseguimos captar o "real" e, por isso, o simbolizamos naquela multiplicidade de metonímias e metáforas. A linguagem se reveste de um duplo, de uma ambivalência: o eixo sintagmático que se assimila por contiguidade, na metonímia e outro eixo por analogia, na metáfora. Roman Jakobson relacionou os mecanismos do inconsciente descritos por Freud com os processos retóricos da metáfora e da metonímia – entendeu deslocamento da metonímia como ligação de contiguidade por causa, enquanto o simbolismo corresponderia à metáfora, pela predominância da associação. Já Lacan, retomando tais indicações, interpreta o deslocamento com a metonímia e a condensação com a metáfora. A condensação ocorre quando um item é conservado porque esteja presente por diversas vezes em diferentes momentos do sonho (=ponto nodal). Assim, itens podem se reunir numa unidade desarmônica (personagem compósita), também a condensação se explica por representação-encruzilhada nas cadeias associativas. (LAPLANCHE e PONTALIS)

A filosofia investiga os arcanos do Homem com sentenças latinas: *animal ridens* ou *homo sapiens*. Ora, Ernst Cassirer (Capítulo II - *Uma Chave para a Natureza do Homem: o Símbolo*: 51) chama o Homem, na interação temporal ou espacial, de *animal symbolicum*. O Homem se dilui num amálgama de linguagens, verbal e não verbal, como a própria etimologia de *symbolicum*: 'sym', reunião, '-bol', lançar, 'icu-', relativo a – lança(-r/-do) ao mesmo tempo. Compreendemos como característico da natureza humana: a referência ao futuro. Cassirer (*Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o Homem*, 1977: 92) nos auxilia: *Vivemos muito mais de nossas dúvidas e temores, ansiedades e esperanças ligadas ao futuro, do que de nossas recordações ou de nossas experiências presentes*. Em uma outra obra, *Linguagem e Mito*, Ernst Cassirer comenta como Kant definiu "realidade" no pensamento discursivo e o delimitou mediante a consideração de que é preciso designar como "real" todo conteúdo da percepção empírica, na medida em que seja determinado por leis gerais e, destarte, ordenado na uniformidade do "contexto da experiência" (p.75).

No imaginário helênico, este fato se alegorizou no mito de Pandora. Aberta a caixinha, todos os bens (numa das versões são "os males", que povoaram a terra e a esperança ficou presa na borda da jarra) se evolveram e só sobrou dentro da caixinha a esperança. Cassirer (Idem, ibidem: 86) se apoia em Kant, e sublinha: *No dizer de Kant, o espaço é a forma de nossa "experiência exterior", o tempo é de nossa "experiência interior"*. Cassirer reforça sua argumentação com a reflexão de Heráclito (Idem, ibidem: 87) que se fundamenta na sentença grega πάντα ῥεῖ ὡς ποταμός, *tudo flui como um rio* (em citações vem frequentemente transliterado na forma 'Panta Rei'). Na *Ars Amatoria* (III,62), de Ovídio, temos o verso *Eunt anni more fluentis aquae...*, *Os anos se vão como águas que fluem*. Assim, o conselho de Ovídio é alertar as mulheres em aproveitar os melhores anos de sedução amorosa, bem ardente, pois *a onda que passou diante de ti, de novo não será repetida e a hora que passou diante de teus olhos não pode voltar*<sup>2</sup>. Ora o poético ou artístico não necessita de espaços nobres, bem como o intertextual não se prende a uma citação claramente consciente. Não é isso que lemos, numa escala mais cotidiana, no cancionero popular com a canção de Lulu Santos, "Como uma onda"? <http://www.facebook.com/sharer.php?u=https%3A%2F%2Fwww.letras.mus.br%2Flulu-santos%2F47132%2F&t=Como+Uma+Onda> <http://twitter.com/share?url=https%3A%2F%2Fwww.letras.mus.br%2Flulu-santos%2F47132%2F&related=letras&text=%E2%99%AB%20Como+Uma+Onda%20no%20@letras> <https://plus.google.com/share?hl=pt-BR&url=https%3A%2F%2Fwww.letras.mus.br%2Flulu-santos%2F47132%2F>

*Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia*

---

<sup>2</sup> Nec, quae praeteriit, rursus reuocabitur unda, Nec, quae praeteriit, hora redire potest (III, 63-64)

*Tudo passa  
Tudo sempre passará*

Claro está que poderíamos ampliar "a fugacidade do tempo" que inclui o sentido de "a brevidade da vida" como temática bastante renovada por muitos poetas, que não são necessariamente renascentistas. Citemos Tomás Antônio Gonzaga (1744 -1810) que aconselha o horaciano *Carpe diem* à sua Marília:

*Que havemos de esperar, Marília bela?  
que vão passando os florescentes dias?  
As glórias que vêm tarde já vêm frias,  
e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.  
Ah! não, minha Marília,  
aprovei-te o tempo, antes que faça  
o estrago de roubar ao corpo as forças,  
e ao semblante a graça!*

O nosso apoio teórico está em Roland Barthes (2004: 276):

"...o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é detectável, de citações inconscientes ou automáticas, dadas sem aspas. Epistemologicamente, o conceito de intertexto é o que traz para a teoria do texto o volume da socialidade: é toda a linguagem, anterior e contemporânea, que vem para o texto, não pelo caminho de uma filiação detectável, de uma imitação voluntária, mas segundo o caminho da disseminação - imagem que garante ao texto o status de *produtividade*, não de *reprodução*."

O drama da *fugacidade do tempo*, e conseqüentemente a *brevidade da vida*, tem como sua inexorável causa a morte. Epicuro, filósofo grego, (341-270 a. C.) propôs sentenciá-la assim: *Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem se encontram na sensibilidade: a morte é a privação da sensibilidade*. (CIVITA, 1985: 13) O princípio de sua filosofia era o prazer, 'hedoné', mas um desejo que se satisfizesse pela ausência de perturbação, 'ataraksía', em português: ataraxia, e não pelo regalo de um banquete, ou pelo momento de viver um grande amor, etc., por exemplo. Por isso, se a sensibilidade já não existe, quaisquer dores, também não. Sêneca, Lúcio Aneu Sêneca (4 a. C. - 65 d. C.), se deteve também neste tema em *Sobre a brevidade da vida, De Brevitate Vitae*, que é a obra mais difundida do filósofo. São cartas dirigidas a Paulino (cuja identidade é controversa), nas quais o sábio discorre sobre a natureza finita da vida humana. São desenvolvidos temas como aprendizagem, amizade, livros e a morte, e, no correr das páginas, vão sendo apresentadas maneiras de prolongar a vida e livrá-la de mil futilidades que a perturbam. Escritas há quase dois mil anos, estas cartas compõem uma leitura inspiradora para todos os homens, a quem ajudam a avaliar o que é uma vida plenamente vivida.

Até mesmo tal ansiedade se reflete na busca pela imortalidade neste mesmo Poeta, como se lê no *Exegi monumentum aere perennius, Concluí um monumento mais perene do que o bronze* (*Odes*, III, 30, 1). Eis o que se segue nesta mesma página poética:

Dicar, qua uiolens obstrepit Aufidus,  
Et qua pauper aquae Daunus agrestium  
Regnauit populorum, ex humili potens  
Princeps Aeolium carmen ad Italos  
Deduxisse modos.

Dir-se-á que, vindo de onde ruge o violento Áufido,  
E de onde Dauno<sup>3</sup>, pobre de água, reinou sobre um povo agreste,  
Eu que pude ficar acima de minha condição humilde,  
Como pioneiro, trasladei o canto dos éolios para os ritmos latinos.

---

<sup>3</sup> Pai de Turno, rival de Enéias.

Enfim, fiquemos apenas com dois poemas: Horácio, *Odes* I, 4 e *De rosīs Nascentibus*, de Ausônio.

## 2 – Horácio

Quintus Horatius Flaccus (65 – 8 a.C.), Quinto Horácio Flaco, *dimidium animae, metade da alma* do poeta Vergílio, seu contemporâneo, e como este integrante do círculo de Mecenas, patrono de poetas e conselheiro do imperador Augusto (seu império foi de 27 a.C. – 14 d.C.). Temos de Horácio: *Odes* (4 livros); *Epodos* (17 poemas); *Sátiras* (2 livros) e *Epístolas* (2 livros), com destaque da *Epístola aos irmãos Pisões* ou *A Arte Poética*, onde Horácio debate princípios da arte literária ao longo de 476 hexâmetros.

Devido à sua sinceridade e transparência de discurso, à perfeição formal, à sua urbanidade, ao seu patriotismo, conquistou a posição de um poeta singular e marcante em todo o Ocidente.

O poema que será lido tem a seguinte métrica:

*Sōluītūr ācrās hīēms grātā uicē uēris ēt Fāvōnī  
Trāhūntquē siccās māchīnæ cārīnās.*

É a união de duas dimensões de versos arquiloquianos ou arquilóquios, um denominado maior – de sete pés (quatro dátilos mais três troqueus). Podendo os três primeiros dátilos ser substituídos por espondeus. O outro denominado arquiloquiano menor, também chamado de ternário catalético (devido à supressão de uma sílaba, e às vezes duas, no fim), de dois dátilos mais uma sílaba no fim. No menor só não ocorrerá essa estrutura no verso 8 deste poema:

*Vōlcānūs ārdēns uīsīt ōffīnās*

Os versos de Horácio nas *Odes* são denominados logaédicos (logos, conversação). São versos trasladados dos poetas gregos Arquíloco, Safo e Alceu para a língua latina.

### I, IV

#### AD SESTIUM

Soluitur acris hiems grata uice ueris et Fauoni  
trahuntque siccās machinae carinas,  
ac neque iam stabulis gaudet pecus aut arator igni  
nec prata canis albicant pruinis.  
Iam Cytherea chorus ducit Venus imminente luna      5  
iunctaeque Nymphis Gratiae decentes  
alterno terram quatiunt pede, dum grauis Cyclopum  
Volcanus ardens uisit officinas.  
Nunc decet aut uiridi nitidum caput impedire myrto  
aut flore, terrae quem ferunt solutae;      10  
nunc et in umbrosis Fauno decet immolare lucis,  
seu poscat agna siue malit haedo.  
Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas  
regumque turris. O beate Sesti,  
uitae summa breuis spem nos uetat inchoare longam.15  
Iam te premet nox fabulaeque Manes  
et domus exilis Plutonia, quo simul mearis,  
nec regna uini sortiere talis  
nec tenerum Lycidan mirabere, quo calet iuuentus  
nunc omnis et mox uirgines tepebunt.      20

#### A(o AMIGO LÚCIO) SÉSTIO

O rigoroso inverno se abranda com grato retorno da primavera e do Favônio<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Favônio, vento favorável da primavera, o zéfiro.

E as máquinas arrastam as quilhas secas;  
 Então, nem o gado se contenta com os estábulos ou o lavrador com a fogueira;  
 Nem mesmo os prados branquejam com as alvas geadas.  
 Agora Vênus Citérea<sup>5</sup> conduz os coros à luz da lua 5  
 E as Graças<sup>6</sup> encantadoras, unidas às Ninfas<sup>7</sup>,  
 Batem a terra com o pé alternado, enquanto Vulcano<sup>8</sup>ardente  
 Abrasa as penosas oficinas dos Ciclopes<sup>9</sup>.  
 Agora convém cobrir a cabeça brilhante ou com o mirto verde  
 Ou com flores que as terras preparadas produzem;<sup>10</sup>  
 Agora também convém imolar a Fauno<sup>10</sup> nos bosques umbrosos,  
 Quer exija uma cordeira, quer prefira um cabrito.  
 A pálida morte bate com pé igual as choupanas do pobre  
 E as torres dos reis. Ó feliz Séstio,  
 A brevidade da vida nos impede alimentar uma longa esperança.<sup>15</sup>  
 Em breve a noite pesará sobre ti, os Manes<sup>11</sup> da fábula

E a casa estreita de Plutão<sup>12</sup>; aonde uma vez tenhas chegado,  
 Não sortearás aquele rei do vinho,  
 Nem admirarás o gentil Lícidas<sup>13</sup>, em quem toda a juventude vibra  
 Agora e, em seguida, as moças se inflamarão.

Esse poema pertence ao grupo denominado de odes religiosas, de inspiração pessoal. Essas suas páginas já tiveram leitura e releitura desde o Renascimento. São muitos os temas: anúncio de uma vitória, consagração de um templo, partida ou retorno de um amigo, convite para jantar, a volta da primavera ou do outono, a natureza, a brevidade da vida...

Não há nessas odes a paixão desenfreada de Safo e Alceu ou as tempestades amorosas dos poetas romanos, como Catulo, Propércio e Tibulo, que se alinharam nesse estilo literário da poesia horaciana e elegeram uma musa em seus poemas intimistas.

O que há na lírica horaciana é a moderação, que supera as solicitações do coração e os arrebatamentos do espírito. O seu prazer não se inspira nas paixões, perturbadoras do espírito. Conduziu a marcha de sua existência, regulando a sua vida e inspiração pelo diapasão do epicurismo, sem o exagero de Lucrecio, mas respirando o ar puro de sua quinta, longe do burburinho da metrópole.

Criou uma poesia de cunho educativo, admoestando os excessos e recomendando comedimento, distanciando-se, assim, do subjetivismo e tangenciando a linha dos problemas universais do homem, como se lê na sua fonte de inspiração: a poesia lírica grega.

Encontrou ressonância no percurso de múltiplos movimentos literários.

Essa linha de questionamento universal é o que lemos, por exemplo, nos heterônimos de Fernando Pessoa (Lisboa, 1888-1935), Ricardo Reis: a não esperança.

<sup>5</sup> Vênus era adorada em Citérea.

<sup>6</sup> Eram três: Aglae, Tália e Eufrosina.

<sup>7</sup> Divindades que se ligavam à água e à terra.

<sup>8</sup> Deus do fogo que forjava os raios de Júpiter.

<sup>9</sup> Gigante com um único olho na testa.

<sup>10</sup> Divindade campreste.

<sup>11</sup> Almas deificadas de ancestrais já falecidos.

<sup>12</sup> Plutão, filho de Saturno, irmão de Júpiter, a quem coube o governo da parte inferior da terra, o inferno.

<sup>13</sup> Nome de um homem ainda jovem.

Tão cedo passa tudo quanto passa!  
Morre tão jovem ante os deuses quanto  
Morre! Tudo é tão pouco!  
Nada se sabe, tudo se imagina.  
Circunda-te de rosas, ama, bebe  
E cala. O mais é nada.

3 – Ausônio, Decimus Magnus Ausonius, 310 – 395 d.C. escreveu abundantemente em versos, mas há também obras em prosa.

Como metáfora da brevidade da vida humana, temos a breve vida das rosas *e se o tempo, que tudo desbarata, / secar as frescas rosas sem colhê-las*; a breve vida das rosas circulou como tema por muitas épocas até chegar a Luís Vaz de Camões (1524 - 1580), cuja passagem acima foi retirada do soneto que tem o seguinte verso inicial: *Se as penas que por vós, donzela ingrata.*

Por isso, associamos ao poema horaciano uma poesia de Ausônio, já que dele é *Collige, virgo, rosas* e se tornou antológico:

*De rosis Nascentibus*  
*Mirabar celerem fugitiua aetate rapinam*  
*Et dum nascuntur consenuisse rosas:*  
*Ecce et defluxit rutili coma punica floris*  
*Dum loquor, et tellus tecta rubore micat.*  
*Tot species tantosque ortus uariosque nouatus*  
*Una dies aperit, conficit ipsa dies.*  
*Conquerimur, natura, breuis quod gratia talis;*  
*Ostenta oculis illico dona rapis.*  
*Quam longa una dies aetas tam longa rosarum;*  
*Cum pubescenti iuncta senecta breuis*  
*Quam modo nascentem rutilus conspexit Eous*  
*Hanc rediens sero uespere uidit anum.*  
*Sed bene, quod paucis licet interitura diebus*  
*Succedens aeuum prorogat ipsa suum.*  
*Collige, uirgo, rosas, dum flos nouus et nova pubes*  
*Et memor esto aeuum sic properare tuum.*

*O Nascimento das Rosas*  
*Eu via a rápida pilhagem do tempo fugidio*  
*E, apenas nascidas, as rosas envelheciam:*  
*E eis que se desfaz a rútila cabeleira da flor vermelha,*  
*Enquanto falo, o chão brilha coberto com rubro.*  
*Tantas formas, tantos nascimentos e mudanças*  
*Num só dia aparecem e nesse dia terminam.*  
*Queixamo-nos, natureza, da brevidade de tanta beleza;*  
*Logo arrebatas aos nossos olhos os dons ofertados.*  
*A idade das rosas é longa o quanto dura um só dia;*  
*A sua velhice se junta rápida à adolescência*  
*Tanto quanto nascendo contempla o brilho da manhã,*  
*Observa-a, envelhecida, voltando ao fim da tarde.*  
*Pior, o que é lícito em alguns momentos na sua*  
*Decrepitude, prolonga-lhe com sua luz a existência.*  
*Colhe, virgem, as rosas, enquanto a flor é nova e nova a tua adolescência*  
*E lembra-te de que assim também se apressa a tua vida.*

Não goza Ausônio de um conceito muito elevado na história literária. Ettore Paratore (1983) confirma atribuição a ele da poesia lida, do seguinte modo: *De Rosis Nascentibus, que talvez seja superior a tudo aquilo que é de indubitável paternidade ausoniana.*

Entre egípcios, hebreus e gregos, as primeiras manifestações líricas se restringiram às práticas religiosas. Devemos acrescentar que o termo lírico está ligado à lira, instrumento musical de cordas, por essa razão, inicialmente na Grécia do século VII a.C., estava associado à música, dança e ao canto. Mas ainda na Grécia do século VII a. C., em Roma, que lhe assimilou a literatura, o poema lírico passa a ser também declamado, com ênfase no aspecto estético. Nem mesmo assim, o aspecto de musicalidade há de se desvincular do lírico, nem em Roma, no Renascimento ou em múltiplos outros momentos históricos.

#### 4 - Referências

- BARTHES, Roland. *Inéditos. Vol. I - Teoria*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRANDÃO, J. de S.O *Lirismo: de Sólon a Cartola*. Apostila.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. Trad. de J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São paulo: Perspectiva, 2003.
- CIVITA, Victor. *Antologia de Textos. (Os pensadores)*. Vários tradutores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- CRUSIUS, Federico. *Iniciación en la Métrica Latina*. Versão e adaptação de Ángeles Roda. Barcelona: Bosch, 1951.
- GOUAST, René. *Anthologie de la Poésie Latine: des Origines au Moyen Âge*. HUMBERT, Jules. *Histoire Illustrée de la Littérature Latine*. Paris: Didier, s/d.
- LUPTON, J. H. *Na Introduction to Latin Lyric Verse Composition*. London: Macmillan, 1967.
- OEUVRES D'HORACE. Par F. Plessis et P. Lejay. Paris: Hachette, 1966.
- OVÍDIO. *Ars Amatoria*. Texto bilingue. Tradução de Natália Correia e David Mourão-Ferreira. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa, S. J. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- RÓNAI, Paulo. *Não Perca o seu Latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SPALDING, T.O. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. S. Paulo: Cultrix, 1958.
- TOSI, Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1996.